

ANÁLISE E INTERVENÇÃO EM PROCESSOS GRUPAIS E SEU PAPEL NA ARTICULAÇÃO DE INICIATIVAS COMUNITÁRIAS

**¹Carine Maria Cerqueira Santos*

**²Orientador: Prof. Dr. Alcides Santos Caldas*

**³Co-orientadora: Prof. Renata Camarotti Ribeiro*

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de levantar elementos concernentes à metodologia e às estratégias adotadas para o incentivo à participação, analisando os processos de intervenção e seu papel enquanto articulador da operatividade grupal, através do desenvolvimento de ações para a articulação comunitária e a melhoria das condições de vida no bairro da Mata Escura, Salvador-BA. A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, com foco no componente político. Os dados foram obtidos a partir do acompanhamento de um grupo de mulheres, em processo de implementação de uma cooperativa de costura – a griffe Flor da Mata

Introdução

A discussão em torno da aplicação dos conhecimentos teóricos e empíricos das ciências humanas no campo social comunitário – acentuada nas décadas de 80 e 90 – tem dado origem a novos modos de conhecimento, investigação e intervenção, correspondentes a paradigmas alternativos geradores de novas metodologias de investigação e procedimentos de análise de informações. Neste contexto, uma das esferas a ser considerada no âmbito das práticas sociais é a importância da participação nas decisões relacionadas à planificação e execução de políticas que beneficiem a população em geral, já que a não incorporação dos beneficiários das ações enquanto co-construtores das iniciativas acaba por resultar, em última análise, na reprodução das

formas de exclusão que impedem a satisfação de suas necessidades, a expressão de suas experiências e saberes e o exercício de seus deveres e direitos.

Dentre as modalidades consideradas como favoráveis à construção de posturas condizentes com o funcionamento democrático encontram-se as cooperativas de trabalho e as redes comunitárias, concebidas como espaços que possibilitam o exercício da participação política democrática e estimulam a autogestão, se levados em consideração os seus princípios e especificidades. Tais objetivos não são facilmente nem instantaneamente atingidos: a participação efetiva dos indivíduos no âmbito das cooperativas de que fazem parte e, de forma mais ampla, nos processos políticos de maior amplitude demandam um intenso trabalho de mobilização e reflexão, de modo a favorecer a participação efetiva na definição de objetivos e na proposição de planos de ação.

A educação cooperativa pode ser definida a partir de “conteúdos de um processo que levem a pensar, sentir, ver, julgar e agir cooperativamente” (FREITAS, 2003; LIMBERGER, 1996). É através dela que serão propiciadas condições de participação, ou seja, somente a partir de sua formação e informação é que o associado poderá tomar parte ativa, tanto na formação quanto na definição dos objetivos de sua organização.

A articulação e o acompanhamento de grupos a partir da abordagem da Psicologia Social Comunitária têm sido apontados como um dos elementos significativos para a criação das condições de participação em contextos comunitários, sendo considerados facilitadores da *operatividade* destes grupos (PICHON-RIVIÈRE, 1998). A busca do desenvolvimento da consciência crítica, da ética da solidariedade e de práticas cooperativas, a partir da análise dos problemas cotidianos da comunidade, marca a produção teórica e prática da psicologia social comunitária (CAMPOS, 2006) que resultariam, em última instância, no desenvolvimento de tecnologias sociais, “definidas como um conjunto de técnicas e procedimentos, associados às formas de organização coletiva, que representam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida”. (PEDREIRA, 2004).

Neste sentido, o psicólogo comunitário deve atuar como facilitador e não como solucionador de problemas, focando seu trabalho na transformação do indivíduo em sujeito, através de estudos da atividade do psiquismo decorrente do modo de vida da comunidade, do estudo do sistema de relações e representações e da pertinência dos indivíduos à comunidade, visando o desenvolvimento da consciência dos moradores como sujeitos históricos e comunitários (CAMPOS, 2006). O psicólogo comunitário

buscaria, portanto, promover a participação efetiva dos indivíduos em um dado contexto, realizando um processo de intervenção que, de acordo com PRADO (2001), deve: compreender os processos articulatórios da criação de identidades coletivas a partir das ações coletivas; compreender os fatores psicossociais que incidem sobre os fenômenos da reivindicação social e da participação social através das ações coletivas; e valorizar e estudar o que deveria ser o princípio de uma sociedade democrática: o surgimento de novos sujeitos políticos, que de acordo com seu tempo histórico, surgem e organizam-se em identidades coletivas, criando novas formas de ação coletiva.

Partindo destas considerações, a presente pesquisa analisou a atuação de uma psicóloga junto a uma cooperativa em fase de constituição, tendo como objetivos: levantar elementos concernentes à metodologia e às estratégias adotadas para o incentivo à participação, analisando os processos de intervenção e o papel do psicólogo enquanto articulador da operatividade grupal; desenvolver uma metodologia de intervenção participativa, através da discussão com a comunidade sobre os seus problemas e da definição de ações prioritárias; facilitar a articulação de demandas sociais, culturais, econômicas e ambientais da comunidade; analisar o impacto das estratégias de intervenção utilizadas pelo psicólogo.

A pesquisa foi realizada no bairro da Mata Escura, como parte das ações de parceria entre o Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais – LTECS, do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador - UNIFACS e do Núcleo de Estudos e Práticas Psicológicas – NEPPSI/ UNIFACS. O LTECS tem como missão articular as demandas sociais, culturais, econômicas e ambientais da comunidade através do desenvolvimento de projetos de inclusão social e redução das desigualdades sócio-espaciais, com o apoio dos setores público e privado, de modo a contribuir para o desenvolvimento local.

Contextualização do Bairro Mata Escura, Salvador-Ba

Salvador é uma cidade com poucos equipamentos culturais, de lazer, e de formação profissional e os poucos que existem estão concentrados na região central da cidade, o que dificulta ao acesso dos mais carentes de recursos e dos que habitam os

bairros periféricos de Salvador. A área objeto deste estudo, o bairro Mata Escura, está localizada no “miolo” de Salvador, formando um grande aglomerado residencial de baixa renda e carente de infra-estrutura, que ocupa as meias encostas das diversas localidades do bairro. Localizado na periferia de Salvador, o bairro Mata Escura surgiu de forma desordenada e agigantou-se sem que nenhum tipo de infra-estrutura fosse criado para acompanhar o seu crescimento. Como consequência, as 46.132 pessoas que o habitam, segundo o censo 2000 do IBGE, enfrentam dificuldades extremas nas áreas de transporte, saneamento básico, limpeza urbana, educação, lazer, saúde, segurança, etc.

Associam-se aos dados da habitação e infra-estrutura alguns dados econômicos para a compreensão das condições de vida da população na poligonal de estudo como, por exemplo, a distribuição de renda e setores produtivos. Do total de 12.393 pessoas responsáveis pelos domicílios particulares permanentes na poligonal, cerca de 36% correspondem ao sexo feminino. Deste total de pessoas responsáveis, sem considerarmos o sexo, verifica-se que mais da metade desta população mora com pelo menos mais três pessoas e possui renda que varia de $\frac{1}{2}$ a 3 salários mínimos. Menos de 20% destes responsáveis não possuem renda.

Com base em observações de campo - visitas e aplicações de questionários - nota-se, com relação à geração de renda destes moradores, que o sistema informal de emprego é predominante e são poucas as oportunidades de emprego oferecidas no bairro. O setor de comércio seria a única chance local de trabalho, mas devido a sua insuficiência, não consegue absorver a mão-de-obra de seus moradores que necessitam buscar alternativas em outros pontos da cidade, como por exemplo, serviços de diaristas, manicures, biscastes, camelôs, etc. (CALDAS, A. et al 2007 p.19)

Metodologia

Para esta pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, que se debruça sobre os aspectos subjetivos da ação, perpassando as inferências do pesquisador ao qualificar significados e interpretações ao objeto de estudo. Desenvolvendo-se em cenário natural, utilizando a coleta de dados predominantemente descritiva e focalizando o processo

muito mais que o produto, a metodologia busca aproximar o pesquisador do objeto, ampliando assim o conhecimento social necessário para análise e interpretação (MAY, 2004). Mais especificamente, foi utilizada a pesquisa participante que, de acordo com HAGUETE (1987), tem como pretensão: estabelecer um processo concomitante de geração de conhecimento por parte do pólo pesquisador e do pólo pesquisado; desenvolver um processo educativo que busca a intertransmissão e ‘compartilhação’ dos conhecimentos já existentes em cada pólo; e fomentar um processo de mudança, seja aquela que ocorre durante a pesquisa (mudança imediata), seja aquela projetiva, que extrapola o âmbito e a temporalidade da pesquisa, na busca de transformações estruturais, práticas, que favoreçam as populações.

Segundo Lofland (1984, apud MAY, 2004) a pesquisa participante é o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação.

A pesquisa foi realizada a partir do acompanhamento de um grupo de mulheres residentes no bairro Mata Escura, na cidade de Salvador – BA, que vem constituindo uma cooperativa de costura e artesanato – a griffe Flor da Mata. Tal cooperativa encontra-se em processo de incubação, reunindo-se dois dias da semana para produção e, semanalmente, para reuniões com a psicóloga a fim de discutir questões emergentes para o grupo. Nessas reuniões as próprias cooperadas constroem as pautas a serem discutidas e tomam as decisões coletivamente.

Os dados foram obtidos através da interação com o grupo, da observação, da elaboração de um diário de campo e da utilização de fontes secundárias (relatórios, documentos de avaliação, etc.) que colaboraram para a compreensão do cotidiano comunitário, da realização de entrevistas com as costureiras participantes da iniciativa e com a psicóloga que articula o grupo, com o objetivo de perceber a visão das integrantes e da psicóloga coordenadora sobre a experiência de constituição de um empreendimento coletivo.

Resultados

A pesquisa viabilizou três tipos de resultados, sendo eles: as estratégias adotadas pela profissional de psicologia; a percepção dos grupos acerca das estratégias; e as ações concretas decorrentes das intervenções realizadas pela coordenação.

As principais estratégias utilizadas pela coordenação do grupo foram a realização de reuniões semanais para discutir questões comunitárias em geral e referentes à constituição da cooperativa; o estímulo à participação das costureiras em relação às decisões significativas na trajetória do grupo; e o questionamento acerca de possíveis soluções para as questões enfrentadas pela cooperativa, incentivando-a a buscar suas próprias respostas, como forma de promover a autonomia de suas integrantes.

Outras estratégias adotadas referiram-se à realização de ações visando a sustentabilidade do grupo através da participação em feiras, exposições e reuniões envolvendo grupos de economia solidária; a facilitação da comunicação interna; o estabelecimento de parcerias com outras instituições; a formação de lideranças dentro do grupo; a transmissão de conhecimentos sobre cooperativismo, administração e outras áreas identificadas pelo grupo como necessárias para constituição da cooperativa; a elaboração e discussão do estatuto e eleição dos cargos de diretoria e conselho fiscal; a realização de discussões sobre a identidade local e o levantamento das representações atribuídas ao bairro da Mata Escura por moradores e não moradores.

Com base nas entrevistas, observações e registros foi possível perceber a construção, por parte do grupo, do espaço da cooperativa não somente enquanto alternativa ao desemprego, mas também como perspectiva de crescimento pessoal e melhoria da qualidade de vida, sendo relevante a referência das integrantes ao seu crescimento pessoal, à sua auto-estima, autonomia e expressão. A participação nas feiras, exposições e reuniões envolvendo grupos de Economia Solidária favoreceram a percepção de si mesmas e dos contextos dos quais fazem parte, consolidando uma perspectiva mais crítica e comunitária, sendo percebido, através das falas do grupo, um aumento da autoconfiança ocasionada pela necessidade de frequência a espaços e bairros até então desconhecidos, o que resultou na “ampliação da cidade” para o grupo. É importante ressaltar ainda os efeitos resultantes da utilização dos instrumentos de coleta de dados escolhidos pela pesquisadora, que acabaram por propiciar um espaço para a reflexão do grupo sobre o seu processo de constituição e sobre as relações estabelecidas no âmbito da cooperativa.

O grupo reconhece as reuniões semanais como fundamentais para sua existência, caracterizando-as como espaço de crescimento e oportunidade de expressão de opiniões. Identifica as reuniões semanais como atividade principal na constituição e coesão do grupo e considera que o estabelecimento da sede da cooperativa foi à atuação da coordenação que mais favoreceu o desenvolvimento do empreendimento. O grupo associa o papel do psicólogo à facilitação da comunicação interna e à solução de conflitos, percebendo a necessidade de atuação do psicólogo comunitário como relacionada à “falta de união”, considerada pelo grupo como sua maior dificuldade. O psicólogo também é identificado como um suporte que permite ao grupo vivenciar as etapas referentes ao processo de constituição da cooperativa, sendo ainda reconhecido enquanto instância mediadora da relação com possíveis parceiros, a exemplo dos contatos com financiadores. Muitas das entrevistadas definem o trabalho da psicóloga coordenadora como “quem leva o grupo pra frente”, “ajuda o grupo a crescer”, “ensina o grupo, traz novidades, forma a gente”.

Um outro dado relevante com relação à visão do grupo acerca do papel do psicólogo refere-se a percepção da especificidade de um acompanhamento realizado por um profissional de psicologia em comparação à possibilidade de acompanhamento realizado por profissionais de outras áreas – como administração, economia e contabilidade – considerados pelo grupo como menos aptos a trabalhar as questões grupais.

O grupo avalia a forma de coordenação assumida pela psicóloga como excessivamente flexível e pouco exigente, postura associada à dificuldade do grupo em atingir alguns resultados, especialmente aqueles relacionados ao maior engajamento de todos os integrantes do grupo na atividade. Esse dado revela que este grupo acredita que compromisso está associado à rigidez e cobranças externas, idéias contrárias ao cooperativismo, já que este tem como princípio a adesão voluntária e livre de membros que precisam estar dispostos a assumir responsabilidades.

Apesar do trabalho desenvolvido junto ao grupo, algumas questões desafiantes são identificadas no processo de constituição da cooperativa: a resistência dos membros em assumir os cargos de liderança formal do grupo, com dificuldade, por parte das integrantes eleitas, em assumir as funções de diretoria; o sentimento de medo e desconfiança em relação às intenções dos parceiros financiadores do empreendimento; a resistência ao desenvolvimento de iniciativas de grande porte, a exemplo do aluguel do espaço de funcionamento da cooperativa; e a percepção do bairro como violento, que

interfere diretamente na impossibilidade de permanência de algumas integrantes do empreendimento.

Como resultados do processo de intervenção da psicóloga coordenadora no grupo, destacam-se: a formalização da cooperativa Flor da Mata, através da elaboração, discussão e aprovação de estatuto e eleição dos cargos de diretoria e conselho fiscal do empreendimento, através da informação e discussão com o grupo acerca dos seus direitos, e da evidência do apoio de outras instituições; a consolidação de um espaço permanente de discussão com frequência semanal; a definição do nome Flor da Mata para a cooperativa, a partir das discussões realizadas sobre a identidade do bairro; a definição coletiva do espaço destinado ao funcionamento da cooperativa; a atuação em rede das novas lideranças emergentes no grupo, através do contato com outros grupos, lideranças do bairro e possíveis financiadores para o empreendimento.

Considerações Finais

Os dados permitem concluir que a intervenção realizada junto à cooperativa tem contribuído para o crescimento pessoal, grupal e para a auto-estima de suas integrantes, favorecendo o desenvolvimento de valores como autonomia, democracia, igualdade, equidade e solidariedade através do trabalho com os princípios que constituem a base ideológica do cooperativismo - tanto pelo destaque dado ao tipo de relação estabelecida entre as associadas, quanto pela estrutura formal e horizontalizada de poder adotada - distinguindo-se substantivamente do modelo hierárquico de gestão das organizações privadas com fins lucrativos convencionais.

A articulação de um grupo exige habilidades na promoção de operatividade que permitam ao profissional trabalhar as relações e os conflitos, de modo a auxiliar na formação da identidade individual e grupal, tarefas desenvolvidas pelo psicólogo comunitário que, nesta cooperativa de costura, parecem ser peça fundamental para o desenvolvimento do grupo. Pode-se concluir que a coordenação tem atuado como um facilitador, ajudando na formação crítica e desenvolvimento de consciência das cooperadas, não solucionando seus problemas, mas iluminando as alternativas possíveis e apoiando o grupo em suas decisões.

Apesar da pesquisa apontar para a importância da atuação do psicólogo na consolidação de grupos produtivos comunitários, é necessário ressaltar que a incubação de uma cooperativa é necessariamente interdisciplinar, sendo indispensável o envolvimento de profissionais de outras áreas que possam promover o acesso aos conteúdos do direito, da administração, da economia, da educação, dentre outras, de modo a responder adequadamente aos desafios postos pela complexidade das novas formas de organização do trabalho visando a inclusão social.

Referências

CALDAS,A. ALMEIDA, A. LEAL,D. MACHADO V. (2007) Tecnologia Social: cooperação universidade comunidade para o desenvolvimento urbano e local sustentável. Revista Desenvolvimento Econômico nº 16 p. 19 Dez 2007 Salvador-BA.

CAMPOS, R. (2006) **Psicologia Social Comunitária da Solidariedade à autonomia**. Petrópolis, editora Vozes.

FREITAS, Maribel Gonçalves de & MONTERO, Maritza (2003). “Las redes comunitarias” in: Teoria y Practica de La Psicologia Comunitária – La tensión entre comunidad y sociedad. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2003.

HAGUETE, Teresa M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis:Vozes, 1987, 163p.

MAY, T. (2004) **Pesquisa Social questões, métodos e processos**. 3ed. Porto Alegre: ARTMED.

PEDREIRA, Juçara at all. **Tecnologia Social: Uma estratégia para o desenvolvimento**, fundação Banco do Brasil, RJ, 2004.

PICHON-RIVIÉRE, E. (1998). **O processo grupal**. Martins Fontes, São Paulo

LIMBERGER, E. **Cooperativa – empresa socializante**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 1996, 267p.

PRADO, Marco Aurélio Máximo. “*Psicologia Política e Ação Coletiva: Notas e reflexões acerca da compreensão do processo de formação identitária do “nós”*” in: Revista Psicologia Política / Sociedade Brasileira de Psicologia Política – vol. 1, n. 1 jan / jun.2001.

*1 Graduanda em Psicologia (UNIFACS) e Bolsista de Iniciação Científica (CNPq)

*² Geógrafo (UFBA); Mestre em Urbanismo (UFBA); Doutor em Geografia (Universidade Santiago de Compostela); Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano da Universidade Salvador; Coordenador do Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais (LTECS).

*³ Psicóloga (UFBA); Mestranda em Ciências Sociais (UFBA) Docente do curso de Psicologia e responsável pela ênfase em Psicologia Social Comunitária no Núcleo de Estudos e Práticas Psicológicas da UNIFACS.